



Duma carta do Prof. Abel Salazar

«Como lhe disse já, a sua Revista vem preencher uma lacuna, e é uma idéia feliz.

«Suponho que ela deve ter um programa; não político ou social, mas intelectual. Nêste momento, julgo que o seu papel, nêste campo, iria chamar a atenção do nosso meio para o enorme esforço que está fazendo o pensamento actual em certos sentidos, o que é quási desconhecido em Portugal, pelo menos na sua amplitude.

«Êste esforço é uma crítica do próprio pensamento histórico como não há exemplo: crítica colectiva, feita em equipas e graças aos esforços convergentes dos diferentes campos da ciência e da filosofia: — lógica, matemática, história, lingüística, etc.

«A ciência passa a objecto da própria ciência, e o pensamento a objecto de ciência. É um esforço gigantesco de *classificação*, de eliminação de pseudo-problemas e de problemas mal postos,

uma revisão integral de todo o pensamento histórico greco-europeu.

«O que se está fazendo é vertiginoso; mas pouco acessível e difícil de vulgarizar. Em Portugal, tal movimento é mal conhecido, e, sobretudo, raros são aqueles que compreenderam a sua importância histórica.

«A coisa pode-se resumir nisto: *temos de rever integralmente a maneira e os métodos de pensar*. Isto para classificar e depurar a filosofia, evitando as coisas vazias de sentido. O pensamento histórico está viciado até à sua raiz; vício natural, que só a evolução complexa dos conhecimentos em geral, pouco a pouco, revelou. Estamos viciados até à raiz dos cabelos, e temos, *todos*, de *reaprender a pensar*.

«Como trazer isto, em sua amplitude e complexidade, para Portugal? Se a «Síntese» conseguisse, mesmo parcialmente isso, tinha uma missão a cumprir, e uma tarefa histórica a realizar entre nós.»